

Gompra

-6. M. 2010

N.º 2

14 DE ABRIL DE 1914

1 ANNO

CONDICÇÕES GERAES DE ASSIGNATURA

PAGAMENTO ANTECIPADO

Numero avulso 20 réis

ANNUNCIOS

Permanentes ou periodicos, contracto especial.

Linha de columna (páginas de 4 columnas) 50 réis.

LISBOA: 1 anno, (serie de 52 numeros) 1\$050 réis; 6 mezes, (serie de 26 numeros) 600 réis; 3 mezes, (serie de 13 numeros) 300 réis.
PROVINCIA, ILHAS E COLONIAS: 1 anno, (serie de 52 numeros) 1\$300 réis; 6 mezes, (serie de 26 numeros) 750 réis; 3 mezes, (serie de 13 numeros) 400 réis.
PARA O BRAZIL E PAIZES DA UNIAO POSTAL: (serie de 52 numeros) 1\$600 réis (moeda forte).

Toda a correspondencia sobre assumptos de administração deve ser dirigida ao ADMINISTRADOR

Papagaio real

SEMANARIO MONARCHICO

CARICATURA POLITICA E HUMORISMO

COLLABORAÇÃO ARTISTICA:
 ALMADA NEGREIROS (DIRECTOR)
 GASTAO DE LYS
 STUART CARVALHAES
 JORGE BARRADAS
 RODRIGVEZ CASTANE
 JOAO MARIA
 SILVA MONTEIRO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA:
 MAGHADO CORREIA
 A. MONTEIRO
 ALFREDO LAMAS

DIRECTOR:
ALFREDO LAMAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 7 LARGO DE
 S. PAVLO 1.º ESQ

ADMINISTRADOR e EDITOR: JORGE LUIZ DOS SANTOS



PROPIEDADE DA EMPRESA DO PAPAGAIO REAL

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA PROGRESSO
 ♦ ♦ ♦ CALÇADA DE S. FRANCISCO, 26, 1.º ♦ ♦ ♦

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Correia mensal para as costas oriental e occidental da Africa por contracto com o governo portuguez

Para cota, passagens e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se:

NO PORTO: Aos agentes Mrs. H. BURMESTER & C.^o — R. do Infante D. Henrique. — EM LISBOA: ESCRITORIOS DA EMPRESA — 85, Rua do Commercio.

Onde todos devem comprar:

Sapataria Portugal

R. dos Poyzes de S. Bento, 27 — Teleph. 3.500

MARIOTE

Os meus cadernos. N.º 14. — Uma campanha de acção nacional. — Destruição d'uma utopia. — O perigo do Ideal. — A experiencia republicana dando uma salutar lição de philosophia aos burguezes lusitanos. — Uma admiravel visao critica de Proudhon. — Ideal e Ideal. — Ideal legitimo e saintar, e Ideal illegitimo e permisso. — Os perigos do vago. — Idealismo religio. — A dissolucao social produzida pelo neutralismo idealista e pelo idealismo democratico. Uma aclaracao. — A constituição da Liga de Acção Nacional. — A disciplina da Liga. — A declaração de adhesão á Liga de Acção Nacional. — Preço 50 rs.

— O Ideal na arte e na sciencia. — Ideal legitimo e saintar, e Ideal illegitimo e permisso. — Os perigos do vago. — Idealismo religio. — A dissolucao social produzida pelo neutralismo idealista e pelo idealismo democratico. Uma aclaracao. — A constituição da Liga de Acção Nacional. — A disciplina da Liga. — A declaração de adhesão á Liga de Acção Nacional. — Preço 50 rs.

Pedidos aos editores

ALMEIDA & MIRANDA — Rua dos Poiaes de S. Bento, 135 — LISBOA

Edifica, or administração e empreitada

Fornecede desenhos, cadernos d'encargos, orçamentos e propostas.

QUIRINO MENDES
CONSTRUCTOR CIVIL
LISBOA
ESCRITORIO
Rua d'Alcantara, 33, 1.^o
OFFICINAS E DEPOSITO
Rua das Fontinhas, 72 e 72-A

RETROZARIA DO CRISTADO

— JOSÉ BASTOS —

COMPLETO E FINEO SORTIMENTO EM TODOS OS ARTIGOS DO SEU RAMO DE COMERCIO

PREÇOS LIMITADOS

R. Garrett, 89 e 71 — LISBOA

Para fornecimentos completos de TIPOGRAFIAS, LITOGRAFIAS e ENCADERNAÇÕES

A CASA

A. V. H. MASCARÓ

R. DE S. PAULO, 9-1.^o — LISBOA — Telefone 2.378

Perfumaria Balsemão

141 RUA DOS RETOZEIROS 141
TELEPHONE N.º 2777 — LISBOA

VAGO

VAGO

PEDIDO

A ADMINISTRAÇÃO d'este jornal pede a todas as pessoas a quem tenha enviado o jornal em propaganda e o não queiram assignar a fineza da devolução immediata, para evitar despezas inuteis.

ARMAZEM DE VIVERES

ANTONIO JOAQUIM MARQUES

— Especialidade em generos Inglezes. — Grande variedade de finissimos chás. — Artigos de Pastelaria. — Champagnes nacionaes e estrangeiros. —

ESTA CASA ESTÁ ABERTA AOS DOMINGOS

Avenida da Republica, 10-A, 10-B, 10-C. (Junto á loja de fazendas)

Telep. n.º 2031 —

PERFUMARIA FINA

P. DE D. PEDRO, 101 — LISBOA

Recbeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia e Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural, sortimento de elixires, pasta e pós dentifricos

AGUA DO MOUCHÃO DA POVOA

Para tratamento de ULCERAS, DOENÇAS DE PELLE, DOENÇAS DAS SENHORAS e de ESTOMAGO

GRAND PRIX E MEDALHA D'OURO (LONDRES 1913 / ROMA 1913)

Largo do Conde Barão, 48 — LISBOA

TELEPHONE N.º 3.509

C. MALHEIRO-DIAS

O ESTADO ACTUAL DA CAUSA MONARCHICA

Um vol. de 300 pag. com uma capa de brochura

Portugal, Colonias e Hespanha ... 2\$000
Paizes da União Postal 2\$500

Estão publicados 17 fasciculos, saindo 1 por semana

ACABA DE SAHIR:

Carta aberta

Senhor Presidente da Republica

Por NINGUEM

Preço 100 rs. Pelo correio, 110 rs.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á:

Typographia JOSÉ BASTOS

Rua da Alegria, 100 — LISBOA



EU ROCHA MARTINS ACHO QUE O MELHOR CAUSTICO PARA OS POLITICOS E OS FANTOCHEs E A MELHOR COISA PARA DESOPILAR O FIGADO E O GATO SABIO QUADRO NOVO DA PAZ UNIAO QUE SE REPRESENTA, NO THEATRO APOLO.

ANTONIO CULMEIRO DA SILVEIRA
DESPACHANTE OFFICIAL

Encarrega-se todos os serviços alfandegarios

S la dos despachantes
Alfandega de Lisboa

Lisboa, 14 de abril de 1914



Collaboradores

Artísticos: Almada Negreiros, Gastão de Lya, "João Maria", Stuart Carvalhaes,
Jorge Barradas, Silva Monteiro e Rodrigues Castane
Litterarios: Machado Correia, A. Monteiro e Alfredo Lamas

Administrador e editor — JORGE LUIZ DOS SANTOS

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
C. S. Francisco, 23 — LISBOA

Papagaio real...

Semanario Monarchico

Director: ALFREDO LAMAS

Quando a Monarchia voltar... (porque ha-de voltar)

Ferreira do Amaral



Senhor! Lembre-se V. M. que o habito é uma segunda natureza.

A republica acabou com as gran cruces e eu, Real Senhor, não desisti de ser gran qualquer coisa... por peor que fosse...

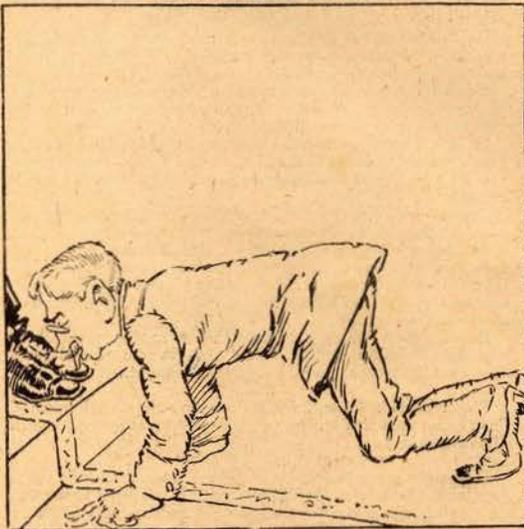
Julio Dantas



Peço que entregue a S. M. o meu ultimo trabalho.

A Degenerencia da familia republicana ou o prognatismo do sr. Affonso Costa.

Lambertini Pinto



Perdoae-me Senhor o ter ficado com *elles* mas é do nome: Lambertini.

Eu traduzo: O tino de lamber.

José d'Alpoim



Meu Senhor e amo: Eu propunha que se não desse ingresso em S. Bento aos deputados republicanos...

E' uma velha mania minha. O resto é tudo calumnia...

CRONICA

A fallencia da republica e etc.

A republica está fallida. Foi a desillusão d'uma experiencia?! Foi simplesmente uma era d'allucinação?! E' certo, porém, que falliu. Quem o diz?! Os monarchicos que o *Mundo* na sua ancia d'arranjar uma nova *intentiona* accusa de conspiradores?! Homero que viveu no segre do dos altos poderes do estados e viu o dinheiro dos seus cofres?! Paiva Couceiro n'um manifesto?! O pamphletario Homem Christo n'uma diatribe?! Não. Nem os monarchicos cuja calma deve inquietar mais a republica que a agitação porque lhe esperam o suicidio; nem o policia que almoçou em *tête-à-tête* com Affonso Costa, nem o paladino que na sua casa de Saint Jean de Luz pensa e medita, nem o pamphletario n'uma *boutade*. Quem affirmou a fallencia da republica foi um republicano: O sr. João de Menezes que já foi ministro da marinha, onde passou o tempo a vêr navios é certo, director geral d'instrução onde não viu rastos d'escola, é verdade mas que tem cathogoria n'um partido, o unionista.

Onde tratou d'essa fallencia o sr. João de Menezes?! N'um cavaco ameno á porta da botica do Chiado, no Club da linhaça? Roendo tranquillamente cavacas no Marques?!... Ao ouvido de dois ou tres correligionarios no seu gabinete da *Lucta*?! Não. O sr. João de Menezes fez essa declaração em pleno Congresso republicano.

Quando o deputado unionista acabou imaginamos que a assembleia inteira, ha pouco tão excitada, iria mais uma vez explodir.

Não succedeu assim. O Congresso ficou quedo como se estivesse convencido ou como se sentisse n'aquellas palavras uma verdade suprema.

Das duas uma ou o abatimento ou o convencimento.

Pouco antes o sr. João de Freitas fóra quasi tragado pelos collegas como os pobres dos missionarios que cahem nos palmares da Polynesia. Que disséra o sr. João de Freitas?! Que o sr. Affonso Costa insultara o Senado. Foi o bastante para que de todas as bancadas democraticas se erguessem em clamores apontando-o e increpando-o, segundo o extracto do Parlamento: E' doido. E' doido!... Fóra o maluco!... Os doidos vão para Rilhafoles!...

Accusar o chefe da democracia de ter insultado o senado—o que é positivamente verdadeiro—constitue um delicto de tal ordem que se reclama para quem o accusa não um processo, não um inquerito mas um collete de forças. D'ahi o Congresso estar convencido e não abatido quando o sr. João de Menezes proclamou a fallencia da Republica.

No meio dos tumultos d'essa reunião do Congresso — confessam-no os jornaes e escapa á critica a confissão — ouviu-se o sr. João de Freitas chamar *apáche* repetidas vezes depois de ter interrompido o sr. Alexandre Braga. Eis um vocabulo novo que se ajusta n'um corpo do parlamento portuguez em plena republica.

No tempo da monarchia as gazetas republicanas não encontraram na serie d'insultos e de desbragamentos que atiraram aos homens d'estado, não acharam nos seus barris do lixo nada que fosse comparavel em exactidão na insolencia.

Apáche!...

Mas estamos a vêr como esta palavra engloba tudo quanto ha de baixo e d'imundo. O *apáche* vive nas baiças infectas ingerido alcool e tem na sua biographia amorosa as rameiras das viellas, não sente escrupulos de nenhuma especie, ataca, rouba, fere, batoteia, viola, ri com o crime, faz tudo por dinheiro.

Apáche!...

Foi este o titulo que um membro do Congresso atirou em plena sessão repetidas vezes.

E deante da phrase imaginamos em logar dos senhores Congressistas na sala onde se fabricam leis, deante da republica de barrete phrigio bando tragico com Bonnot no meio e uma marafona de gorro vermelho deitando fumo pelo nariz.

O sr. João de Menezes pode dizer e com rasão que a republica falliu em tudo, excepto na abundancia d'epithetos para cognominar os seus homens.

N'isso tem até um apreciavel *superavit*.

Na sessão seguinte da Camara dos Deputados continuaram as scenas do mesmo modo excitado e vivo, causando nas galerias um epidemia de riso. O sr. Nunes Godinho, uma bola, cahe sobre o sr. João de Menezes, uma gasoza e entre ambos o sr. Pope n'um salto que repelliu a bola e fez aquietar a espuma da gasoza.

Isto não é uma casa de doidos!... gritou o sr. Godinho.

E o sr. João de Menezes tranquillamente foi assentar-se a escrever.

Passou no ar o vento gelido das grandes comoções. Que iria succeder?! Sem duvida um duello...

Brr...

O Godinho é terrivel—diziam os democraticos.

O Menezes tem muito genio—diziam os unionistas.

Só com receitas—o sr. Godinho é medico—tem morto mais de mil pessoas—affirmava-se.

E o outro nos artigos tem mostrado o seu genio—assegurava-se.

Mas decerto não se batem com boticadas?!
Quem sabe?!... São tão originaes...

N'esse caso Menezes é um homem morto.

Parece, porém, que o deputado declarante da fallencia da republica, se recusou a ingerir a beberagem em virtude de depois da scena não carecer de purgantes.

Deante d'esses repetidos successos um critico declarou simplesmente o que elles significavam. Não era a baixa mentalidade, não a inferioridade dos principios, não a falta de senso do ridiculo mas sim uma nova forma de loucura que intensamente grassa em Portugal: a *Paranoia Parlamentar*.

Gil Vaz



Historico. Passou-se o caso n'uma manhã agreste, álgida e fria como uma lousa sepuchral...

Cahia uma chuva de molha tolos, e o vento norte açoitava a *malva do Mestre* que a passo meudinho, mas apressado, seguia do Chiado p'rá *tendinha* do Largo de S. Carlos.

Em sentido inverso caminhava um desconhecido, com cara de assassino e modos de rufia, que ao passar cumprimentou com gesto mais que humilde...

O *Mestre* parou, olhou... e procurou o apito, que por desgraça sua em casa lhe ficára...

— E' o Pacheco Novo! assustado exclamou — Bem servido estou!...

— Sim, o Pacheco eu sou, *Mestre*, o outro retrocou. Por agora a Ignez, a troco de uns tostões que me dá o Brandão por cada dezasseis paginas, com mais de mil borrões...

Depois, se *Ella* vier... eu sei! Deputado, Senador, presidente, e até talvez Pombal!... Mas então eu juro á fé do livre-pensamento que resuscitarei a Ignez... só para ter o prazer de a matar outra vez!...

Reis?!... Nem vêl-os, e se não fóra a grande precisão da massa do Brandão, matava toda a historia com uma só penada e umv illustração da minha prenda amada!...

E a monarchia foi-se, foi-se o Brandão amigo, e o homem só ficou como uma fera antiga que houvesse de morrer ao som... d'uma cantiga!...

E quando a sombra d'elle se esbate nas paredes do velho pardieiro que o busto de Valmór guarda, tem-se a impressão de que algum cataclysmo atirou das profundezas da terra adusta e fria este pachyderme da litteratura patria...

Ponson du Marne

AS NOTAS D'UM PAE

Commentadas e illustradas

Extracto da 2.^a edição do livro publicado em 1903 pelo Sr. Dr. BERNARDINO MACHADO



Pag. 16—«As creanças vivem muito de phantasia. D'um pau ou d'uma cana fazem um cavallo; basta-lhes simplesmente vêr algum, para logo se imaginarem montados n'elle.»
Nota do Papagaio Real: E anda o ministro da guerra a pedir creditos para a renouata.



Pag. 23—«O poder das ideas exerce-se sobre a propria intelligencia. A força do se attribuirem falsamente um acto acaba-se pela pressnação de o ter praticado.»
Os chefes politicos: Fizemos a republi-ca, etc... (Quando é o contrario!...)



Pag. 25—«Quando ainda de collo choram por mamar, sacodem-lhes uns guisos ou mostram-lhes bonecos e el-lis calam-se. Embalam-se cantando.»
O sr. Dr. Bernardino ao Zé (commenta-rio actual): O Affonso vai-te, embora para cima d'este telhado... (entre dentes) Isso vai elle...



Pag. 27—«A facilidade que as crean-ças tem em desorar é tamanha, que muitas fingem que sabem já lêr e não fazem mais do que repetir de cór os trechos que ouviram ao mestre.»
O Papagaio Real: Vi de piadas nos senhores deputados!...



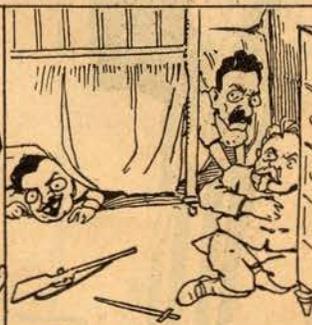
Pag. 31—«O Domingos cortando pa-péis chama a uns rebucados, a outros pastilhas. E' um phantasiasta do pa-ladar.»
O sr. Dr. Bernardino (commentario ac-tual): E' como o Affonso a chamar ao des-feit, supercafit. E' um phantasiasta das finanças.



Pag. 36—«Ainda os pintainhos esta-vam e estiveram na casa e a Rita ao pé do choco já os sentia piar. Tem a imaginação da sua impaciencia.»
Dr. Bernardino (commentario saudosos): Como eu com a presidencia para mim goradai!...



Pag. 44—«Quantas vezes a realidade contraria a intelligencia, rasgando as nossas illusões. Domingos, tres annos e meio, chorou n'um desespero por-que o cavallo de lata não comia a palha que elle lhe dava. Que desapa-tamento.»
Dr. Bernardino (commentario actual): Por isso, alinçado com feixes de governa-dores civis do seu paladar o cavallo de-mocratico.



Pag. 54—«Em certa familia opolen-ta da provincia atiravam com papeli-nhos pela fissa entreaberta da janella e por pouco que o ar os haloicasse, já as creanças não saiam de casa.»
Papagaio Real: Como os caudilhos no dia da revolução.



Pag. 66—«Seja o que fór que se dê em demasia a uma creança, comida, brinquedos ou estudo ella vomita. E' vêr como os mais pequeninos enfarta-dos de quaesquer bonitos os arreme-çam para longe. São sensações de-mais.»
Sem commentario.

Porque fugiu Christo



Afonso:— Então Christo, onde está?...

Conselheiro:— Fugiu assim que te viu... diz a isso que farto de más companhias ficou Elle no Calvario...

O mysterio da CAIXA GERAL DOS DEPOSITOS

O *Papagaio Real* na sua missão de reportagem pousou no dedo nodoso do sr. Estevão de Vasconcellos como um colibri sobre um velho tronco de carvalho e disse-lhe:

— Eu vinha pelo mysterio...

Que mysterio?! reboou a voz profunda do senador.

— Aquelle que jámais ninguém percebeu... Porque sendo v. ex.^a medico e socialista dirige a Caixa Geral dos Depositos...

— Ignara gente... bradou elle fortemente como se fosse uma trovoadá nos espaços — Não veem então que eu sou a caixa geral dos depositos, de nascença...

E desapertando o seu casaco n'um movimento rude o sr. Estevão de Vasconcellos mostrou-se. Realmente a sua nomeação não podia ser mais acertada.

Papagaio Real ponde verificar o seguinte que d'aqui transmite aos posteros:

A barriga do sr. Estevão não tem a configuração das outras. E' exactamente um cofre abaulado e tem quatro umbigos de segredo... Mettendo o seu furabolo n'um dos umbigos arranja uma combinação que lhe esgarça por completo o ventre, queremos dizer o cofre. E lá dentro em vez de tripas tem tudo quanto é susceptível de se depositar, desde os papeis de credito aos córtés de fato, dos panos inglezes aos panaes de palha, dos cordões d'onro aos umbilicaes, das mobílias a prestações aos saldos para liquidação e aos salvados dos navios... Aquillo não é um ventre é por direito de nascimento a verdadeira, a unica, a natural Caixa Geral dos Depositos sem amannenses.

O nosso delegado percorreu todas as secções e ficou realmente compenetrado do direito que assistiu áquella nomeação emquanto o illustre socialista ia explicando já com um doce sorriso na sua fechadura entre-aberta:



— Quando eu ando na rua saracoteando-me d'um lado para outro é signal de grande movimento na caixa, conforme eu ando pesado ou apressadamente assim ha muitas ou poucas coisas em deposito... O Affonso Costa quiz outro dia encher-me com o *superavit* mas eu receei... — e muito baixinho accrescentou:

— O sr. conhece Wells... o Wells... O romancista inglez...

Como o *Papagaio* fizesse um signal de que era da sua maior intimidade o sr. Estevão de Vasconcellos disse: esse diabo d'homem foi o culpado de eu não aceitar... Uma noite d'estas pedi lá em casa que me lessem uma novella do dito Wells e sahiu a d'aquelle homem muito gordo que voava como um balão e não podia fixar-se n'uma cadeira sem estar carregado com alguns pesos, por exemplo uma colleção de Larousse. Quando a largava ei-lo que se ia collar ao tecto... Para a descida era um trabalhão... Pois eu receei egual sorte... Calcule que me desmobilavam, me tiravam tudo quanto cá tenho dentro, essas arrobadas de coisas depositadas e me davam em troca o *superavit*... senhor *Papagaio*, eu seria como aquelles parentes de V. Ex.^a com que os rapazes da escola brincam... Ia pelos ares... Eu, senhor *Papagaio*, seria como a personagem do conto de Wells...

Mas sua Magnificencia não deve ter ficado muito satisfeito...

O sr. Estevão de Vasconcellos coronou um ponco na fechadura e exclamou:

— Embora... Antes sua Magnificencia vá aos ares do que eu... Porque olhe para descer escusa de Larousse, basta-lhe a colleção do *Mundo*. O sr. *Papagaio* não diga nada, mas é assim...

— Jámais... note bem... Jámais... elle encontrará pessoa capaz de me substituir...

O *Papagaio Real* passou para outro dedo do grandiloquo funcionario e disse compenetrado:

— E' certo que v. ex.^a é a Caixa Geral, de nascença...

Mas fóra d'isso... fóra d'isso... Mesmo no senado...

— No senado?!

— Sim este é que é o grande caso... Tem você amigo *Papagaio* ouvido as grandes dissertações historico-recreativas do Nunes da Matta, as catalinarias ferinas anti-fracasas de Faustino, os ápartes alegres de Magalhães Basto, as biologicas defesas da formiga branca do Daniel Rodrigues, as piadas do Macieira a respeito dos donatarios d'Alcobaça, emfim tudo isso que tem feito do senado um logar de prazeres a ponto de nos dias de sessão nocturna tirar a concorrência ao Colysen?! Diga sr. *Papagaio*, diga francamente aquillo não é admiravel, extranho, phenomenal?! Pois sabe quem faz tudo aquillo... sou eu!...

— V. Ex.^a. Então e elles...?!

— Elles — disse desdenhosamente — apenas gesticulam e bebem agua... Eu é que digo tudo porque aqui é que está o nosso grande merecimento... Eu não sou apenas caixa geral dos depositos, de nascimento...

— E' tambem caixa de musica?

— Não... confessou docemente — Sou ventriloquo... E calculou já sr. *Papagaio* o que é um ventriloquo?... Olhe que até posso fazer de vinte senadores... E é a maioria... Logo o Affonso não arrecadará aqui o *superavit* nem irá aos ares.

E batendo no cofre forte da sua barriga o sr. Estevão de Vasconcellos tomou a attitudé d'um predestinado, fechou com estrondo as portas do cofre, poz-lhe o cadeado e quedou-se como uma montanha de ferro, sereno, e com a fechadura aferrolhada.

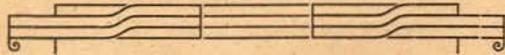
Circulará... Chegou-nos á mão o seguinte prospecto dacti-lographico:

Paul Bourget, em artigo publicado no *Figaro* de 20 do corrente mez de Março, referindo-se a Calmette, diz: «Il sen va victime d'un meurtre qui oblige les plus aveugles à reconnaître ou se précipite cette société sans Dieu, que se croit la civilisation de l'avenir, alors qu'elle représente la plus affrayante régression vers la barbarie»

Pede-se para ler e fazer circular o mais possível, por se passar em... Marrocos exactamente o mesmo.

Satisfeito, com aprasimento da nossa parte, o pedido do illustre anonymo.

Crêmos que isto é uma circulação muito menos precinçosa que a circulação fiduciária e muito menos mentirosa que a do *superavit* de saudosa memoria...



DE BINOCULO

Áfinal aquella piada do numero passado era... branco é galinha o pde... porque são ás dezenas os bilhetinhos a apontar-nos o Conselheiro (do sr. Thomaz Cabreira, é claro) Manuel dos Santos, administrador geral das alfandegas, como a creatura que o binoculo focou...

Pois sim senhor — era!

D'uma d'essas respostas destacamos o seguinte trecho:

«Não será um pandego com cara de Judeu, vendedor de tamaras, que passeia, sempre acolytado por outros, depois de ter passado as noites de verão nos bancos da Avenida e as de inverno sentado nos bancos do Martinho a presumir de intellectual?»

E' um aspecto que nos tinha esquecido — elle ahí fica.

... Eil-o... cá está focado... *

— Sim, senhor, sou eu? Republicano historico, *historiquissimo*, tenho a maior bandeira que apparece logo depois do 5 de Outubro... Fez successo! Até uma força que passava, ao içá-la, apresentou armas...

— mas...

... E então? Mandei dizer no Porto a missa em acção de graças pelas melhoras de D. Manuel, mas isso que importa?! Votei com os monarchicos? Galopinei para elles? Accusei collegas de republicanos? Tudo isso não importa que eu não seja republicano historico, *historiquissimo*...

Frequentava os ministerios? Cumprimentava os ministros? Fazia salamaleques ao Rei? Tudo isso que prova?

Sou historico, *historiquissimo*... as tigelinhas em Cascaes... historias, tudo historias...

... Era ao cahir da tarde e as brumas da noite apagaram-nos nos prismas do binoculo a figura sympathica, do sympathico... *jacobino*.

Ponson du Marne

Infamia sim, coragem — não. Uns cavalheiros que isso sim, elles teem lá medo! se esqueceram dizer quem são, entraram n'um oratorio existente n'um local qualquer da cidade de Guimarães, tiraram a imagem do Senhor do Amparo, despedaçaram-na e em seu lugar deixaram um bilhete dizendo: «Infamia?! Não, a vingança é nobre quando é justa. Querem guerra? Teremos guerra.»

Que ideia farão estes senhores da guerra? E da infamia?

«Querem guerra? Teremos guerra», escrevem, mas pelo sim e pelo não vão fugindo com o corpinho, não vá qualquer bico de bota mais ligeiro do que a mão tomar a seu cargo os *vallentes*

Bem clama o noticiarista que a população da cidade está indignada, que deseja conhecer os auctores do «vilissimo attentado» para lhes dar o correctivo; mas, coitado, chama ninguem lhe responde

Infamia?! Não! — coragem... nos calcanhares!.. Elles são lá capazes d'outra coisa além da vingança nobre e justa... executada n'uma imagem de Nosso Senhor, que não pode correr os a pontapé e é nobre demais para mandar um raio que parta taes amigos do sr. Afonso Costa...

... coragem não, infamia sim!

Mas... lá irá! O centro republicano Pinheiro de Mello, também conhecido pela antonomazia de Associação dos Lojistas de Lisboa, não ponde ainda apresentar os seus cumprimentos ao sr. Cordeal Bernardino Carioca Afonso da Costa Machado, por o seu patrono haver muito que fazer na sua casa de penhores da travessa da Queimada. Mas lá irá!..



Da denuncia á presidencia...

Do livro *O Correio da Manhã* de Alvaro Chagas, extractamos o seguinte que achamos interessante para o estudo da psicologia dos servidores da republica e... dos teixeiristas:

«... vem a proposito contar a titulo de curiosidade, uma versão que me foi dada n'essa occasião (subida ao poder dos Teixeira) das ligações existentes entre o sr. Teixeira de Souza e alguns chefes republicanos, versão que mais tarde, estando eu já no exilio, me foi repetida com ligeiras alterações, por um jornalista hespanhol. O sr. Teixeira de Souza, aproximada a occasião de subir ao poder, tivera com os srs. Alpoim, Egas Moniz, Pinto dos Santos e outros cotados dissidentes progressistas, e com os srs. Bernardino Machado, Afonso Costa, Antonio José d'Almeida e outros varios vultos republicanos, successivas conferencias em que se estabeleceram o seguinte plano politico:

«O governo do sr. Teixeira de Souza, um pouco como veio depois a tental-o em Hespanha o ministerio do conde de Romanones, publicaria uma serie de medidas que satisfizessem um certo numero de reclamações do partido republicano, que pelo seu lado facilitaria a tarefa ministerial e abrandaria a campanha contra a Monarchia. Publicadas essas medidas e conseguido de El-Rei que enveredasse por esse caminho, associando-se ao plano politico d'essa junção teixeirista-dissidente republicana, determinados elementos republicanos transgriam com a nova feição da monarchia e a certa altura, quando se considerasse chegado o momento opportuno, o governo cahiria substituido no poder, por um ministerio presidido pelo sr. Alpoim, e no qual, além dos srs. Pinto dos Santos e Egas Moniz, entrariam os srs. Bernardino Machado para os Estrangeiros, e Afonso Costa para a Justica ou para a Fazenda, conservando-se o sr. Antonio José d'Almeida fora do poder... a tomar conta nos elementos republicanos.

«Segundo, a curiosa versão a que me estou referindo, tal plano esbarrou de encontro a opposição formal dos elementos revolucionarios dirigido por João Chagas na parte civil e por Candido dos Reis na parte militar, opposição que se affirmou pelas tentativas revolucionarias de Julho e Agosto, ambas denunciadas ao governo pelo sr. Bernardino Machado, tentativas revolucionarias que definiam tanto mais a divergencia entre os camilhões republicanos e os elementos revolucionarios quando tiveram logar na ausencia dos srs. Antonio José d'Almeida e Afonso Costa, e, parece que até com desconhecimento d'elles.»

Que melros!...

Ora pelos factos que d'então para cá se desenrolaram verifica-se que a revolução não couvinha a Teixeira de Souza n'aquelles dois momentos em que as tentativas fracassaram, o que não impediu que tal conveniencia se assignalasse dois mezes depois e d'uma forma definitiva.

Gostariamos de saber se depois de tudo isto ainda haverá alguém com dignidade que defenda o nefasto e odioso projecto do ultimo governo monarchico de S. M. El-Rei o sr. D. Manuel II.

A nós nunca aquelle aventureiro galopin nos illudiu.

Thalassão! O sr. Machado Santos dizia ha dias no seu diario:

«... ahí para as bandas de Santo Antão n'uma coisa que *outr'ora teve nome* — «Sociedade de Geographia» — e que se despertasse do lethargo em que caiu, bem podia com o seu prestigio do passado...»

Que grande thalassa! Pois então o paé d'esta coisa não vé que a Sociedade de Geographia foi creada pelos monarchicos, que é relativamente moderna e que só caiu no somno lethargico quando lhe nomearam presidente um republicano?!

Enfim, faz bem ás miudezas vér como elles começam... a chorar pelo passado!..

“Papagaio Real,” Com grande satisfação, aqui registamos o nosso agradecimento aos nossos amáveis leitores que acolheram o nosso primeiro numero com extrema sympathia, a ponto de se nos exgotar a nossa primeira edição que foi de 14.000 exemplares o que nos forçou a reimprimir mais 7.000 para podermos satisfazer os constantes pedidos que nos chegam.

A todos os que ajudam esta empresa que, vivendo apenas dos seus recursos proprios, só tem em mira a defeza e lucta pelos seus ideaes, o melhor da nossa gratidão.

FUNERAL A... 42!

É um funeral de luxo aquelle que vamos ter, inaugurando o vistoso Palacio da Paz, na Haya...

Não sabemos se os nossos leitores sabem bem o que vem a ser esse celebre palacio. Suppondo que o não saibam, aqui lh'o vamos dizer em quatro palavras:

Um dia meia duzia de maduros resolveram arranjar um carão chique, onde condignamente fossem tratadas as questões internacionaes dos povos.

Esses cavalheiros bem comidos, bem bebidos e bem pagos — é claro! — levaram a ideia por esse mundo além; e como a paz do mundo interessa a todos que, como nós, não possamos com uma gata pelo rabo, a ideia fez successo — successo tão ruidoso como o primeiro numero d'este gracioso semanario —, e o palacio fez-se, vindo as madeiras d'um paiz, os marmores d'outro, etc. Sahi obra grandiosa como grandioso era o *Sym-bolo* que representava e de lá vão sahir sentenças arbitraes de que o valor orçará entre um zero ou uma desgraça — Conforme quem haja de a roer...

O primeiro paiz a não fazer caso nenhum d'esse sagrado tribunal foi a Alemanha que nos apresentou o baralho das suas reclamações sobre a mesa larga do tombadilho d'um con-raçado, jogando ella com todos os naipes...

Pois vae inaugurar-se essa belleza de casa para apreciação de *quarenta e duas* reclamações contra o velho lobo do mar... na disponibilidade. Quarenta e dois tagatés de boas festas, de boa camaradagem apresentados pelos nossos illustres figurinos d'além peryneus, pelos nossos fiéis alliados e pelos nossos queridos visinhos das castanholas.

São só quarenta e duas! E', como bem se comprehende, um ovo por um real...

Inaugurar um palacio d'aquelles não é coisa para qualquer... É uma honra p'rá familia e mais uma gloria que devemos a este glorioso trium virato—Costa—Camacho—Almeida.

Pois sim... senhor! São quarenta e duas querellas... de levar coiro e cabelo! Não escapa nem o chapéu do Cordeal...

As ceroulas levou-as a Alemanha que jogou de fóra e com o baralho todo; as calças já tinham marchado ha muito com as heroicas façanhas da formiga; agora vae tudo... tudo sim, senhor e... oito tostões.

Mas emfim, é uma honra, uma grande honra para nós—podiam ter começado por Marrócos, pela Turquia ou pelo Mexico — e n'alguma coisa a nossa *grandiosidade* deve tremeluzir e brilhar!

O QUE O «POVO» QUER...

I

O Affonso lá foi ao norte
Democracia prégar
D'esta vez tem pouca sorte
Volta de lá a apitar...

II

O Antonio lá foi ao Sul
Sympathias arranjar
Palavras doces, tufal
Mas vem de lá a apitar...

III

O nosso Brito da bica
Já não tem por onde andar
Apenas um passo e fica,
Mas fica logo a apitar...

IV

O povo republicano
P'ra governar Portugal
Quer d'Affonso Costa o mano
Ferreirinha do Amaral...

José d'Adiça

Nova fita?! Ali o de S. Roque sentindo que o terreno lhe resvallou sob o pozo de toda a sua ignominia, passa agora o tempo inventando *complots* monarchicos e outras especialidades homericas muito da sua lavra, a fim de ver se consegue levantar a folha que de dia para dia vae tendo mais consumo nas mercéarias que lh'a compram ás arrobos. O *truc*, porém já muito velho e demais conhecido, não pega por mais grossas que sejam as parangonas em que o compo-nham...

No proximo numero que será de maior quantidade de paginas, proseguiremos na publicação da nossa galeria *Portuguezes de lei*, o que hoje não fazemos por falta absoluta de tempo e espaço.

O macaeco de NAPOLEÃO

O sr. Machado Santos a quem na Rotunda puzeram a al-cunha de heroe, convenceu-se de que realmente o era e zaz: ahi o temos a ameaçar cen e terra, crendo-se um semi-deus ou a 2.ª edição de Bonaparte.

Não sabemos bem porquê, s. ex.ª fez as pazes com a *formi-ga branca* e por dá cá aquella palha ahi o temos a defender a horda, ameaçando os monarchicos, dos quaes uns nem n'elle pensam e a grande maioria ainda nem pela sua existencia den.



Não tardará que vejamos o illustre official de fazenda da armada no alto da feira d'Agosto exclamando para as suas *numerosas* hostes que não excederão meia duzia d'embasbacados: *do alto d'esta feira o «Mundo» me contempla, admirado de, como eu com uma espada de pau e umas peças de cartão venci um exercito que dias antes enthusiasmara o seu rei com sentidos protestos de fidelidade!*...

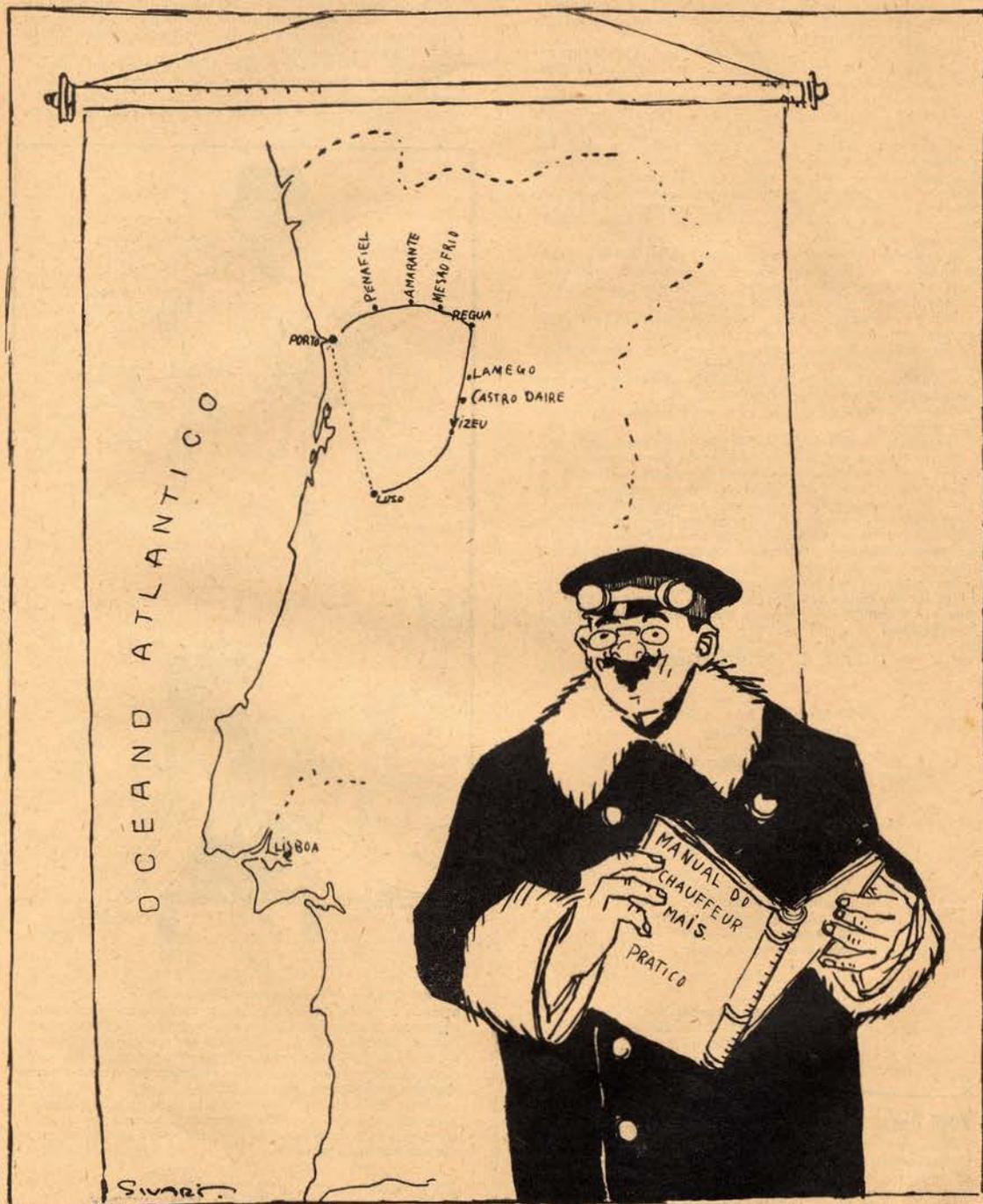
N'esse dia o sr. Machado Santos passará definitivamente á historia, não pelo seu *feito guerreiro*, mas pela sua invencivel mania de macaquear, não sabemos se até ao fim, o desterrado de Santa Helena...



Gratissimos. Ao nosso illustre collega *Diario de Noticias*, unico jornal de Lisboa que nos cumprimentou pelo nosso apparecimento. Vê-se bem que lá em casa se bebeu bom chá e muito, em pequenino, o que não succedeu a muita gente...

A ULTIMA OBRA DO GRANDE ESTADISTA

Um "superavit" ... de leguas



Capítulo I:— O caminho mais curto entre Lisboa e Porto,— isto fica assente porque eu o quero,— é de Lisboa ao Bussaco; do Bussaco a Vizeu, de Vizeu a Castro Daire, de Castro Daire a Lamego, de Lamego á Regoa, da Regoa a Mezão Frio, de Mezão Frio a Amarante, de Amarante a Penafiel, de Penafiel ao Porto. Ha casos em que se deve dar a volta por Hespanha em direcção á Suissa... De resto fica decretado que o caminho mais curto entre dois pontos uma linhaé ... quebrada.

Assim se faça executar ...

THEATROS E ANIMATOGRAPHOS

NACIONAL — Prosegue a carreira triumphal do *Bicho do matto*.

REPUBLICA — A *Castellá*, uma peça que pelo seu interessante entrecho, tem sempre quem a veja com agrado.

TRINDADE — Nual. .recenascida opereta, que pelas bellas formas que possui, prende todos que lhes observam os movimentos e ouvem as gracinhas.

GYMNASIO — O deputado independente cahiu no agrado do

publico e d'ahi termo-lo eternamente no cartaz.

AVENIDA — Cada enchente marca uma nova representação da notavel opera-comica *Amor de Zingaros*.

APOLLO — A Paz e União conseguiu fazer d'este theatro o *rendez-vous* d'uma escolhida sociedade que todas as noutes ali concorre.

RUA DOS CONDES — 31... e ganhou a empreza com a ap-

plaudida revista que escolheu, que lhe dá enchentes successivas.

POLYTEAMA — Passa-se um bom bocado de noute, vendo e ouvindo a interessante revista *Do Sol á Estrella*.

POLYSEU DOS RECREIOS — Grande companhia d'opera italiana. As operas de melhor repertorio, por preços ao alcance de todos. A verdadeira opera popular.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

OLYMPIA — Rua dos Condes.

CENTRAL — Praça dos Restauradores.

SALÃO FOZ — Calçada da gloria.

CHANTECLER — Praça dos Restauradores.

Brevemente

O DIARIO DA MANHÃ

Jornal monarchico

Vae reapparecer

O DIA

A POLYCOMMERCIAL

PAPELARIA, LIVRARIA, ENCADERNAÇÃO, ESTERIOPIA E CARIMBOS

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E

TELEPHONE 3362

LISBOA

COD. A B C. 5.™

AUTOMOBILISMO

A importante secção editora da nossa casa, acaba de lançar no mercado uma collecção de livros intitulados *Biblioteca Desportiva*, de que o primeiro volume *Automobilismo* já se encontra á venda.

E' um volume portatil, de contextura absolutamente pratica, cheio de desenhos ilucidativos e indispensavel a quantos se dedicam a este genero de desporto e industria, sendo o seu preço de 150 réis.

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECENTES D'ESTA CASA

Elementos de Direito Fiscal, pelo professor do Instituto Superior de Commercio e Sub-Inspector das Alfandegas F. A. Correia. Trabalho unico no seu genero em Portugal. Brochado 1\$200 réis; encadernado 1\$600 réis.

Lições de Arithmetica, de Jorge Gavicho, (adoptado na escola Elementar do Commercio). 1 vol. 450 réis.

Grammaire Pratique de la Langue Française et Premiers Notions de Conversation, por J. Antunes Coimbra, (adoptado na escola Elementar de Commercio). 1 vol. cart. 500 réis.

Lições Praticas de Portuguez, de J. Cabanita. Este livro é um auxiliar indispensavel a quem queira saber bem a sua lingua. 2 vol, 1\$500 réis.

Aqueductos, Pontes e Pontões, taboas, formulas e dados praticos, por J. J. Pereira Dias. Livro indispensavel a quem deseja seguir o curso de engenheiro ou dedicar-se á Construcção Civil. 1 vol. enc., flexivel, 1\$000 réis.

Fluctuações, versos de D. Joanna Castelbranco. 1 vol. 300 réis.

Taboas Sinopticas para o Exame de Fibras, Fios e Tecidos, por Armenio Monteiro, Livro unico em portuguez, e indispensavel para os concursos aduaneiros, e para quem siga o respectivo commercio. 1 vol. ricamente enc. 600 réis

Pautas das Alfandegas do Reino e Ilhas dos Açores, 2.ª edição refundida, e com todas as alterações até novembro de 1912. Formato portatil. Compreende não só as pautas, mas todos os tratados existentes, tabella dos artigos combinados, taxas de trafego, emolumentos, etc. 1 vol. cart. 700 réis.

Contos da Carochinha. Collecção mensal ilustrada, capa em couché com uma trichromia na frente e no verso a reproducção de um monumento nacional. Contos absolutamente moraes e com a nova orthographia. Recebem-se assignaturas para esta collecção. Cada vol. 100 réis.

LIVROS DE ESTUDO (DE TODOS OS AUCTORES), ROMANCES, SCIENCIAS E ARTES



AUTOMOVEL AMERICANO

— DE —
LUXO

4 CYLINDROS DE 115 x 145 m/m 40-50 HP

PARTIDA AUTOMATICA E ILLUMINAÇÃO ELECTRICAS
BUZINA MANUAL ELECTRICA

DUAS PRISES DIRECTAS

COM
MUTAÇÃO ELECTRICA

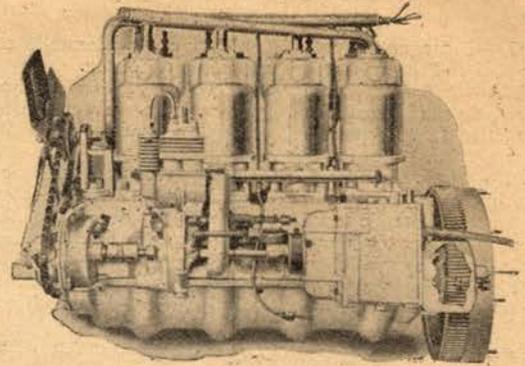
NOVIDADE PRIVILEGIADA |

TAÇA
DO
ROYAL
CLUB
AUTOMOBILE
D'INGLATERRA



THE DEWAR TROPHY

GANHA
PELO
CADILLAC
EM
OUTUBRO
DE 1913



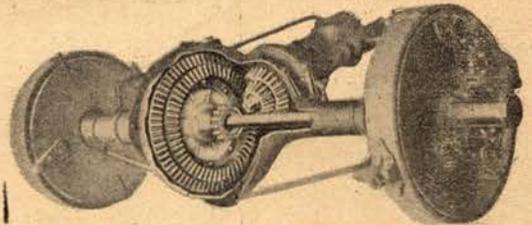
MOTOR DE 4 CYLINDROS ENCAMISADOS A COBRE

DIAMETRO 115 m/m, CURSO 145 m/m, 40-50 HP

VALVULAS ENCOBERTAS

VEIO DE CMBOTAS MONTADO SOBRE CINCO CHUMACEIRAS

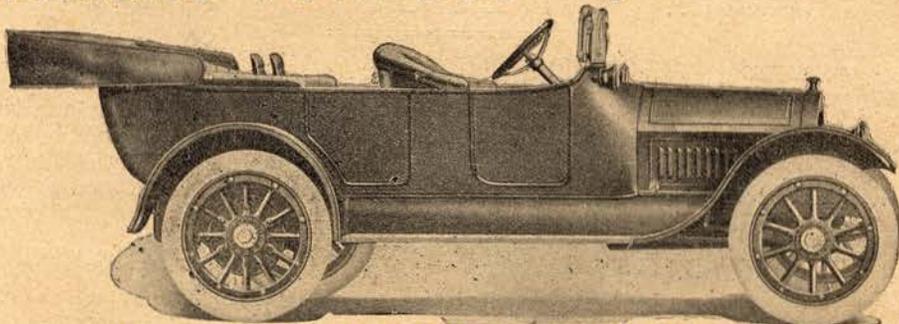
FUNCCIONAMENTO EXTRA-SILENCIOSO



Vista interior do carter do diferencial, mostrando as duas prises directas, cujas mudanças são feitas por meio d'um commutador electrico, e com os quaes s'evita, quasi por completo, o emprego da alavanca de mudança de velocidades.

Dispositivo privilegiado e sem igual até hoje

CADILLAC TORPEDO = 7 LOGARES — 40-50 HP



PREÇO COMPLETAMENTE EQUIPADO 3.500\$00

A CADILLAC MOTOR CO, FABRICA 6 MODELOS DE AUTOMOVEIS PARA 3-5-7 PESSOAS. TODAS AS PEÇAS, SEM EXCEÇÃO, BEM COMO AS CARROSSERIES, SÃO FABRICADAS NAS SUAS VASTAS OFFICINAS COM MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM.

OS AUTOMOVEIS CADILLAC, HOMBREIAM POR COMPLETO COM OS DAS MELHORES CASAS EUROPEIAS, CUSTANDO MENOS 20 %, E SÃO TODOS MUNIDOS D'EQUIPAMENTO ELECTRICO, TANTO PARA A PARTIDA AUTOMATICA, COMO PARA A ILLUMINAÇÃO, MUDANÇA DAS DUAS PRISES DIRECTAS E BUZINA

Brevemente publicaremos o catalogo illustrado dos diferentes typos de carrosseries d'esta marca, e respectivos preços

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

LISBOA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

PORTO

Rua 24 de Julho, 74 a 74-l

166, Rua Elias Garcia, 168